

Um teórico alemão na periferia do capitalismo: Walter Benjamin e os Estudos Culturais britânicos no Cone Sul da América Latina.

Silvia Karina Nicacio Cáceres*

Resumo

O presente artigo visa discutir algumas possibilidades para a escrita da história do tempo presente na América Latina, lugar de modernidade periférica cuja constelação de eventos recentes ilumina os dilemas da tarefa historiadora em sociedades pós-traumáticas. Para tanto, elegemos como fio condutor as reflexões de Walter Benjamin tal como as mesmas foram filtradas, repostas, transformadas pelos intelectuais vinculados aos Estudos Culturais britânicos (CEVASCO, 2003) em seu desenvolvimento latino-americano.

Palavras-chave: história do tempo presente, Walter Benjamin, Estudos Culturais britânicos, Beatriz Sarlo.

Abstract

This article aims to outline an overview of debates around some possibilities for writing the history of the present time in Latin America, a landscape of peripheral modernity whose constellation of recent events illuminate the dilemmas of the history writer's task in post-traumatic societies. This panorama will thread the reflections of Walter Benjamin as they were filtered, replaced and transformed by intellectuals associated with the British Cultural Studies (Cevasco, 2003) in their Latin American development.

Keywords: history of the present time, Walter Benjamin, British Cultural Studies, Beatriz Sarlo.

* Doutoranda no PPGHIS/UFRJ. Contato: silviacaceres@ufrj.br

Introdução

O desenvolvimento da tradição dos Estudos Culturais no Cone Sul enquanto rede ou campo intelectual é difuso, sobretudo se pensamos o caso brasileiro em específico (ORTIZ, 2004). O caráter difuso desta rede não dá conta porém da abrangência que tal tradição alcançou notoriamente na Argentina e no Chile através de duas exponenciais intelectuais públicas: Beatriz Sarlo e Nelly Richard. Em nosso trabalho que visa futura tese de doutorado estamos mapeando esta rede à luz sobretudo de duas de suas principais iniciativas editoriais, as revistas *Punto de Vista* (Argentina, 1979-2008) e *Revista de Crítica Cultural* (Chile, 1990-2008) editadas pelas recém referidas intelectuais respectivamente.

Um desafio que o grupo de intelectuais envolvidos com o projeto editorial das revistas aborda é a questão da possibilidade de narração em sociedades pós-traumáticas. Uma tese forte presente em tal grupo é a de que nosso período pós-ditatorial é parte do processo de constituição de nossa pós-modernidade cultural (AVELAR, 2003). Haveria portanto nas sociedades do cone sul latino-americano uma estreita relação entre pós-modernidade e pós-ditadura que portaria ao menos dois grandes vetores de forças avessas ao trabalho de narração: o trauma ditatorial e o presentismo das sociedades de consumo midiático pós-modernas.

A tradição dos estudos culturais na América Latina tem amplamente se valido da análise benjaminiana para pensar as contradições do capitalismo periférico (MARTIN-BARBERO 2001, SARLO 1997; RICHARD, 2001). De fato, a noção intempestiva de Benjamin quanto à possibilidade de reter os rumos históricos é passível de potencial diálogo com a tradição dos Estudos Culturais, que vê a si mesma como campo de reflexões com vocação política (BEVERLEY, 2008).

O diálogo com tais tradições – Benjamin e os Estudos Culturais britânicos – por parte da rede que estudamos está longe de ser um mero processo de incorporação de referentes, de reprodução de (possíveis?) modelos argumentativos ou de certas questões centrais. Há aqui de fato a inscrição, o diálogo com estas tradições, inscrição que, ao mesmo tempo em que vincula, indica o desenvolvimento plástico de ideias e questões dentro da tradição. É a partir desta plasticidade e do compromisso com a ideia de intelectual como crítico cultural, como personagem que irrompe e atíça a cena pública que Sarlo em um artigo de 1997 nos convoca a esquecer Walter Benjamin. Mera provocação de uma intelectual em débito com Benjamin e reconhecida polemista?

Gostaríamos de dialogar com esta provocação de Sarlo (SARLO, 2005). Se é necessário esquecer Benjamin como voga, como moda acadêmica esvaziada de potencial intempestivo, certamente não deveríamos esquecê-lo enquanto autor que pensou a modernidade em um momento de crise que transmutada, ainda nos alcança, ainda informa nossa vivência contemporânea. Nosso tempo pós-traumático convoca-nos a pensar os limiares que podemos atravessar ou construir caso não queiramos sucumbir aos aspectos negativos dessa ventura de tantos vórtices violentos a que chamamos modernidade.

Esquecer Benjamin

Se o academicismo, no passado, podia ser identificado com a fidelidade filológica a um autor ou a um texto, um novo academicismo revela sua banalidade ao jurar lealdade aos temas academicamente corretos.

Beatriz Sarlo

A historiografia que aborda o tempo presente está atravessada por questões éticas que informam seu caráter altamente reflexivo e político. A temporalidade presente irrompe com suas questões latentes na cena pública. Seus sujeitos são representados, representam e se auto representam, inclusive – ou sobretudo – de forma retrospectiva à luz das narrações intelectuais, acadêmicas, políticas, midiáticas. Escrever a história do tempo presente é postura arriscada, como tão bem o descreve Benjamin em suas teses sobre o conceito de história, ao dizer que “*Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’.* Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal qual ela relampeja no momento de um perigo” (BENJAMIN, 1994: 224). Esta passagem tão reiterada da obra benjaminiana, indica num primeiro plano a dimensão amplamente aceita entre os historiadores contemporâneos de que o passado se escreve à luz do presente. Num segundo, mas não secundário plano, indica a dimensão política da escrita da história, o que imediatamente atíça o vocabulário intelectual fazendo-o emergir termos como agência, ação crítica, transformação... termos esses um tanto mais avariados pelos debates intelectuais das últimas décadas. Retornaremos, invariavelmente a este debate no correr e ao fim da presente exposição.

Benjamin está, sem sombra de dúvidas, no centro das reflexões sobre o tempo presente na América Latina. Poderíamos aqui arrolar diversas razões para tal fenômeno, mas gostaríamos de por ora destacar uma em especial. Trata-se da maneira estética com que o texto de Benjamin constrói o que o autor mesmo nomina “imagens do pensamento”.

Povoadas de alegorias, – sobretudo nas tão requisitadas teses sobre o conceito de História – as imagens do pensamento surgem tantas vezes como aforismos nos quais se mesclam peças do cotidiano da grande metrópole, como anúncios de jornais, reclames, avisos da *civitas* urbana, junto à análise metafórico/alegórica de Benjamin e seu arranjo extremamente particular entre campos e autores aparentemente tão díspares como Brecht, Nietzsche, Kant e Marx.

O provocativo texto de Benjamin é eminentemente estético e plural. Ele é vanguardista ao menos no sentido de muitas vezes parecer experimental. Todos esses elementos o tornam um autor de textos sensuais, provocativos aos sentidos. E essa sensualidade torna-os potenciais objetos de desejo e consumo inclusive dentro de uma instituição que possuiu ao longo da modernidade um caráter sóbrio, clássico e por muitas vezes até conservador: a academia, os sistemas de produção de saberes letrados alocados em estruturas de ensino e pesquisa universitárias.

O momento acadêmico que se abre amplamente ao consumo de perspectivas teóricas é ímpar e corresponde a uma constelação de eventos e processos específicos que podemos agrupar sob o nome de pós-modernidade (JAMESON, 1997). Seu roteiro já é amplamente conhecido em linhas gerais e descritivas embora permaneça desafiante no que diz respeito à intervenção crítica, à formação de agências transformadoras. O pós-moderno seria a forma cultural do capitalismo tardio, momento no qual a forma mercadoria se expandiria a ponto de se alocar nas estruturas sensíveis, no imaginário, na cultura como cultura de consumo. Ainda dentro das linhas de descrição geral do momento pós-moderno, podemos falar que o mesmo se caracteriza por um embaralhamento de signos que ganha impulso através da perda de grandes referentes identitários que se desenvolveram à sombra da modernidade. Nesse embaralhamento de signos a ação da moda sobre o passado se volatiliza, tornando extremamente rápido o movimento de saque de signos e dejetos do passado em novos arranjos culturais.

Neste cenário se abre o paradoxo apontado por Beatriz Sarlo no artigo “Esquecer Benjamin” (SARLO, 2005). No referido artigo, Sarlo menciona formas de consumo cultural de Benjamin dentro da “academia internacional”, que em sua descrição seria um circuito de formas de escrita e maneiras de produção acadêmica com impacto e reprodução em boa parte dos sistemas acadêmicos do mundo ocidental/ocidentalizado.

Sarlo é uma intelectual crítica às condições de produção e circulação do saber acadêmico contemporâneo. Tal crítica emana de sua leitura de que a figura do especialista – hegemônica em tempos de saber subserviente ao mercado – embota e auxilia na derrocada dos intelectuais enquanto agentes públicos que se servem da crítica cultural para criar massa

crítica em torno da construção da vida pública e privada. O especialista, diferente do intelectual, seria um produtor de conhecimentos limitado pela estrita observância de seu objeto e dos temas em voga. Nas ditas ciências humanas, o especialista seria convocado a cumprir o papel de assunção teórica/narrativa e legitimação de políticas emanadas, sobretudo das demandas estatais e empresariais ou, ainda na descrição de Sarlo, seria aquele produtor de conhecimento que jamais se atém a função intelectual, comprometida em operar através da noção de totalidade que as formas simbólicas elaboradas (no projeto de Sarlo) deveriam articular.

Ainda no campo de imagens presentes na crítica de Sarlo poderíamos dizer que o especialista está para a produção de conhecimento como um cidadão está para o *shopping center*: seu passe a tal espaço não é garantido por sua pertença a uma comunidade imaginada que partilha uma mesma cidadania apriorística, mas sim se constitui através de sua potencialidade como consumidor dos bens ali dispostos. Nas gôndolas da academia internacional estariam dispostas as mais extravagantes mercadorias à disposição do especialista, que as tomaria à luz da conveniência, da composição de estilo, da adesão a certa moda.

“Esquecer Benjamin” é portanto tocado por uma leitura mais ampla sobre o conhecimento letrado e sobre a construção da crítica cultural como espaço de formação das funções públicas dos intelectuais. É um apelo crítico lançado por uma das maiores divulgadoras contemporâneas de Benjamin que visa apontar que a citação deslocada tem sido a forma preferencial de *uso* das categorias e passagens benjaminianas. Se tal forma de uso dos textos benjaminianos soa não apropriada para Sarlo, haveria então formas corretas de se apropriar das potencialidades culturais advindas de leituras de Benjamin?

Como Sarlo menciona no referido artigo, “*não há nenhuma ortodoxia benjaminiana a custodiar*” (SARLO, idem: 105). Contudo, certamente há maneiras de potencializar a verve crítica contida em seus escritos. Neste sentido, deveria aplicar-se à obra benjaminiana o próprio apelo que o mesmo lança em suas teses sobre o conceito de história, arrancando-o do conformismo que o iguala como citação deslocada a qualquer outra citação desprovida de historicidade densa, ou seja, desprovida de um lugar de enunciação (e ação) dentro de uma tradição crítica.

Para nós, latino-americanos, Benjamin é um autor de grande valor eurístico. De forma paradoxal, Benjamin contribui imensamente com chaves de leitura para que se compreenda a dinâmica cultural na periferia do capitalismo. Como isso poderia ser, já que sabemos que

Benjamin, como intelectual e como sujeito cultural e político fora sempre profundamente europeu¹?

Ao analisar as sociedades de capitalismo central na Europa Ocidental, ao analisar a Paris do século XIX, nosso autor está focalizado na formação de constelações culturais específicas que o mesmo pensa através de seus campos de extravase, suas ruínas e seus dejetos, que é onde tão bem o periférico, o subalterno se move. Como sabemos, as ruínas e fragmentos são trabalhados na obra benjaminiana como elementos que podem constituir alegorias dos processos sociais que os produziram. São imagens que portam em si a cisão traumática do descarte, do esquecimento. Alegorias são representações frágeis cujo caráter cindido e incompleto é parte de sua própria apresentação. Na representação alegórica benjaminiana há um apelo latente de leitura intempestiva de tomada de sua radicalidade, forma através da qual é possível dar atualidade ao texto que, uma vez escrito, torna-se signo e cripta de certa constelação histórica passada.

O recurso às alegorias não é somente uma opção estética de Benjamin, mas uma opção filosófica e ética que indica uma via possível de representação da catástrofe que é a história humana cindida pela luta de classes e por toda forma de exploração e subjugação do outro. É a história ela mesma um grande mosaico de dejetos e fragmentos que só ganham sentido simbólico à luz da narração dos vencedores. Para narrar a história dos vencidos, nos resta a tentativa de sermos fiéis aos fragmentos que a compõem. Assim como o alegórico anjo da história², o historiador que se fideliza à história dos vencidos anseia por reparar o monte de destroços que enxerga quando volta seu olhar ao passado. Embora tal vontade messiânica componha um horizonte ético, esse mesmo historiador deve saber que jamais conseguirá restaurar o passado. Portanto, é necessário tomar o caráter fragmentário desse passado de forma alegórica, abrindo margem para o arbítrio, para o movimento de cesura que reconecta intempestivamente passado e presente como forma de interromper a catástrofe.

Nosso lugar de enunciação, nossa modernidade periférica pode ganhar vigorosa consciência de si a partir de um potencial desdobramento da análise de Benjamin sobre a formação e dinâmica cultural das sociedades de capitalismo central. Nossa relação com as

² Sobre a Europa como horizonte de ação e reflexão de Benjamin, vide a biografia elaborada por Hannah Arendt em *Homens em tempos sombrios*. Ver: ARENDT, H. *Walter Benjamin*. In: _____. **Homens em tempos sombrios**. São Paulo, Cia das Letras, 2008.

³ O anjo da história é uma alegoria presente na tese de número nove do texto “Sobre o conceito de história” de Walter Benjamin. (BENJAMIN, 1994: 226).

modernidades centrais sempre fora alegórica, e nossa luta identitária uma luta pelo poder de simbolizar autonomamente nossa geografia cultural e nosso percurso histórico. Contudo, esta ânsia de “sermos iguais a nós mesmos”, esta batalha pela identidade que sublinhou uma alteridade como duplo de si num cenário de modernidade periférica, tornou-nos maus copistas das formas culturais das sociedades de modernidade central.

Desde nosso lugar periférico, subalterno, podemos portanto compreender o poder da simbolização cultural observando que esse processo implica em um largo movimento de destruição daquilo que não se encaixa na construção dos símbolos de poder. Se a Paris do século XIX é um símbolo do desenvolvimento cultural da modernidade europeia com seus cafês, largos bulevares e galerias comerciais, isto só é passível de compreensão – desde um ponto de vista comprometido com os oprimidos – porque a Paris do século XIX é também ao mesmo tempo uma alegoria do processo de destruição da antiga cidade medieval, labiríntica e povoada de personagens que causavam horror e medo à ordem burguesa. Na filosofia benjaminiana, o símbolo pactua com os projetos de poder e a alegoria pode – e somente potencialmente pode – vir a servir ao projeto histórico dos oprimidos, caso os mesmos tomem os despojos alegóricos de forma intempestiva, ou seja, de forma a que tais despojos componham um processo de interrupção da ordem histórica em que se vive.

Para tentar se equiparar aos signos e símbolos europeus, a modernidade latino-americana e seus principais canais de formulação e ação – os Estados modernos, as elites econômicas, políticas e intelectuais - foram e têm sido extremamente ferozes com toda espécie de sujeito à margem: os povos indígenas, as populações negras, as populações rurais, as mulheres. Diante dos despojos dessa história de derrotas, podemos tomar Benjamin de maneira intempestiva, buscando reunir as ruínas do passado compreendendo que as mesmas compõem nosso ar histórico e que, portanto, as mesmas ainda povoam as questões que devemos responder se não desejarmos abrir mão de nossos projetos de sociedade.

Não queremos dizer com isso que discordamos da crítica de Sarlo quando a mesma nos incita a esquecer Benjamin. Estamos sim replicando sua análise. Devemos esquecer certas formas de se tomar a Benjamin e relembrar outras. Devemos de fato, tentar responder à seguinte pergunta formulada por Sarlo: “*Sobre que esquecimentos recordamos Benjamin?*” e matizar a parte provocativa que vem na sequência “*E, se esses esquecimentos são tantos [...], por que não esquecer Benjamin de uma vez?*” (SARLO, idem: 104).

Relembrar Benjamin

É necessário então relembrar Benjamin de forma intempestiva, buscando no autor a carga messiânica que possa potencializar mudanças no rumo de nossa (pós) modernidade. Afinal, a incorporação de Benjamin na América Latina tem criado tanto a superpopulação de *flaneurs* em textos de análise cultural quanto tem também se somado à tradição crítica, compondo leituras sobre nossa modernidade, processo analítico essencial para aqueles que creem ser necessário inferir em seus rumos.

Em nosso projeto de doutorado estamos analisando a composição de uma rede de intelectuais que se inscreve na tradição dos Estudos Culturais britânicos no Cone Sul. Nessa rede ocorre uma intercessão entre a tradição dos Estudos Culturais e os textos de Walter Benjamin, entre outros autores e tradições do campo crítico. Os autores de tal rede têm formulado análises centrais sobre a cultura na América Latina. Tal rede obviamente não é unívoca e suas análises não são exatamente coincidentes, embora formem, sobretudo no conjunto de debates reunidos nos periódicos que analisamos, uma espécie de plataforma crítica com tópicos e diálogos em torno dos dilemas culturais de nossas sociedades. Apresentaremos dois debates que fazem parte do repertório crítico de tal rede de maneira breve, como forma de demonstrar suas articulações com o pensamento benjaminiano e sua valia para se pensar o tempo presente. Assim, deter-nos-emos agora na análise sobre memória elaborada por Sarlo em *Tempo Passado* (SARLO, 1999), e o conceito de pós-ditadura para a análise do caráter cultural das atuais sociedades nacionais no Cone Sul tal qual trabalhado por Idelber Avelar (AVELAR, 2003).

Em *Tempo Passado*, Beatriz Sarlo elabora uma análise crítica acerca dos usos do passado na sociedade Argentina contemporânea. A inflação da memória sobre o período ditatorial na Argentina estaria, na opinião da autora, gerando a impossibilidade de articular o tempo presente já que os sujeitos estariam reportando sua ação a um passado sacralizado porque traumático. Seria então necessário pôr de lado essa discursividade saturada de fantasmas para fazer com que a memória rompa com o eterno retorno típico do trauma e avance rumo à possibilidade de uma arena pública menos saturada de interditos impostos pelo trauma ditatorial. A análise de Sarlo está, como sempre, cheia de referentes à obra benjaminiana; em *Tempo Passado* de forma notória é cara a noção de fantasmagoria (inspirada em Benjamin) que atravessa todo o argumento da autora.

A posição intelectual de Sarlo em *Tempo Passado* é interessante, pois desde uma postura à esquerda no espectro político público, a intelectual em questão sinaliza a embolia que

a memória de eventos traumáticos pode ocasionar no espaço público contemporâneo. Para o cenário em questão tal posição é no mínimo controversa, uma vez que a esquerda política argentina tem tido nas políticas de memória em torno das últimas ditaduras um forte bastião de sua posição pública (SALAZAR, 2001).

A crítica de Sarlo à inflação de memória e sua consequente congestão no espaço público argentino é uma contribuição importante para se pensar a forma como a memória tem sido trabalhada nas sociedades contemporâneas. Contudo, cremos que falta na crítica da autora algumas importantes mediações. Teríamos que ficar presos ao dualismo inflação/descarte da memória?

Dentro do próprio campo de autores que trabalham com a análise benjaminiana, uma alternativa à tal dualidade encontra-se na obra de Gagnebin, quando a mesma apresenta no interior dos debates sobre o conceito de memória a noção de *terceiro*. Na concepção de *terceiro* reside a ideia de que é necessário forjar um sujeito que escape à dinâmica algoz-vítima. O terceiro seria o sujeito que escuta a narração memorialística e é capaz de, sem esquecer seu relato, transpassar seus termos, superando sua dinâmica traumática (GAGNEBIN, 2006: 57).

Por certo, o debate argentino sobre memória pós-ditatorial é muito particular e radicalmente distinto daquilo que vivemos no Brasil. Há mesmo posições que indicam uma sorte de cultura da memória que expressaria um desejo e um culto de vítimas presente em manifestações públicas na sociedade argentina, desejo este que se manifestaria, por exemplo, na dimensão quase religiosa com que a memória dos *detenidos desaparecidos*³ é reavivada constantemente em ritos memorialísticos como os encenados pelas *Madres e Avuelas de la Plaza de Maio*. Indicar a necessidade de superar a autoridade inscrita em mármore dos heróis mortos para dar lugar à construção de espaços e sujeitos sociais desamarrados da dinâmica do eterno retorno da cisão traumática é certamente postura polêmica, mas quem sabe quão ainda necessária na arena pública argentina.

Quanto ao debate sobre sociedades pós-ditatoriais. Pós-ditadura, na concepção elaborada por Idelber Avelar é um termo derivado da ideia de pós-catástrofe presente em Seligmann-Silva, Gagnebin entre outros autores que dialogam com a obra de Walter Benjamin. O prefixo *pós* indica aqui, não um estar além, mas um estar aquém: aquém das possibilidades de efetivamente operar uma passagem temporal e inaugurar simbolicamente

³ *Detenidos desaparecidos* é a expressão usada em boa parte dos países latino-americanos do cone sul para fazer referência aos presos políticos das ditaduras militares cujos corpos foram ocultados pelas forças ditatoriais.

novos tempos e assim nomeá-lo. Aquém da possibilidade de significar o presente que se instaura então como um eterno retorno do passado traumático.

Na concepção de Idelber Avelar, a pós-ditadura nas sociedades latino-americanas do Cone Sul coincidiria e alimentaria a instauração da vivência pós-moderna nessas mesmas sociedades, vivência essa marcada pelos signos da imeditividade e do presentismo constituintes da cultura de consumo. A vivência temporal pós-moderna seria mais um canal a alimentar a incapacidade crítica e narrativa, o que torna a escrita da história – seja essa escrita um esforço acadêmico ou um esforço cidadão tomado por qualquer sujeito – uma tarefa de risco, já que se somam aqui duas tendências culturais que difundem a incapacidade narrativa: o trauma pós-ditatorial e o presentismo pós-moderno.

Assim, tanto na inflação memorialística na Argentina identificada por Sarlo ou na atrofia memorialística identificada por Idelber Avelar e pensada projetivamente para todo o cone sul, vemos a imagem de um duplo cultural que faz parte de um mesmo panorama social vivido sob a égide de um grande mal-estar cultural. As velhas perguntas sobre o devir da modernidade são aqui repostas. Mas a vantagem de se estar num espaço intelectual de larga descrição da crise moderna, é que talvez estejamos mais habituados a seus duplos e talvez mais conscientes dos riscos de que a crítica sucumba diante de seus jogos sofisticados de linguagem, que sucumba diante do espelho. A mesma pergunta retoma, sob novas formas: como manter a fidelidade ao projeto intempestivo presente também em Benjamin, como lembrar a maneira pela qual esquecemos Benjamin, como esquecê-lo de forma a lembrá-lo intempestivamente?

Transpassar Benjamin

Nosso esforço de identificação de formas como Benjamin é lido pelo campo dos Estudos Culturais no cone sul tem sido até aqui quase que somente descritivo. Gostaríamos, contudo, de agora propor algumas chaves de leitura acerca dessa trajetória de diálogos e apontar possíveis desdobramentos para a mesma, lembrando ao leitor que estamos em uma fase inicial de pesquisa, e que, por conseguinte, nossas hipóteses e formulações certamente ainda atravessarão um percurso de enriquecimento e transformações.

Quando nos detivemos nos argumentos de Sarlo em “Esquecer Benjamin” estávamos tentando identificar, em simetria com a autora, que há uma saturação simbólica no diálogo estabelecido com um conjunto autoral que, se à sua época de produção permaneceu à margem

da academia, hoje irrompem como peças cobiçadas dos discursos acadêmicos orientados por toda sorte de fundo cultural e político.

Diante desse cenário de saturação dos usos de importantes referentes de tradições críticas, não nos parece fortuito a até certo ponto deliberada desinstitucionalização por que passa a rede intelectual que estudamos. Esta desinstitucionalização se dá, sobretudo através do desmonte de dois dos seus principais espaços de articulação e intervenção públicas, as já mencionadas revistas *Punto de Vista* e *Revista de Crítica Cultural*.

Esta postura intelectual de desmonte, embora radical, parece coerente com as proposições de Sarlo. Afinal, é extremamente difícil fugir da voragem das formas acadêmicas hegemônicas. Talvez ambas as revistas tenham elas mesmas entrado em um ponto de esgotamento de seus debates. É o que parece apontar Nelly Richard em um processo de balanço do fechamento da *Revista de Crítica Cultural*:

Una Revista como la Revista de Crítica Cultural, en tanto revista independiente (que no obedece a ningún encargo y que, por lo mismo, sólo responde a la voluntad y energía de quienes se sienten autoconvocados por su proyecto), depende fuertemente de lo que Beatriz Sarlo llama “el deseo de revista”. Y cuando ese deseo deja de hacerse sentir, es la señal de que la revista ya no es necesaria. (RICHARD, 2008: 7)

Por que o desejo de revista teria se encerrado – ao menos no presente momento - para esse grupo de intelectuais? A saturação das formas de uso de seus debates e de seus autores de referência/ suas tradições podem em parte explicar o fenecimento de tal desejo e o movimento rumo a novas proposições políticas e culturais.

Esse redirecionamento do desejo não aponta obviamente para o descarte das tradições em que tais autores se inserem, mas para sua reelaboração dentro de um cenário onde os mesmos começam a ser eles mesmos devorados pela forma mercantilizante das formas institucionais de produção de conhecimento no contemporâneo. É necessário lembrar que a tradição dos Estudos Culturais britânicos, nas palavras de Stuart Hall, um de seus fundadores, possui uma “vocaç o política”. Segundo John Beverley:

Desde el principio, la escuela, que nació en unas de las universidades periféricas creadas después de la Segunda Guerra Mundial por el gobierno laborista precisamente para democratizar el sistema universitario, tuvo, o mejor dicho quiso tener, una relación orgánica con la clase obrera inglesa. Por un lado quería hacer una práctica académica institucional que representara, en el doble sentido de hablar por y hablar de, el protagonismo de esa clase; de allí la vinculación con los historiadores asociados al marxismo inglés, como Thompson; por otro lado se relacionaba también con

el “out culture” del proletariado nuevo en formación, y con los nuevos movimientos sociales que empezaban a surgir en los setenta: el feminismo, los movimientos de los gays, de la población inmigrante caribeña y asiática. (BEVERLEY, 2008).

Portanto é possível identificar que a tradição dos Estudos Culturais nasce da confluência dos seguintes debates: por um lado temos a tradição do(s) marxismo(s) e seu grande conceito chave (classe) e, de outro, os chamados novos movimentos sociais que, em parte, seriam responsáveis pelo impulso da pauta pós-moderna e sua crítica contundente a toda “grande narrativa” tal qual a ideia de totalidade operada pelo(s) marxismo(s) como dinâmica analítica a que deveriam se reportar categorias chave como o conceito de classe social.

O lugar de enunciação do intelectual dos Estudos Culturais é desta forma bastante polêmico, por tentar orquestrar um trânsito entre espectros do pensamento contemporâneo que talvez tenham mais conflitado do que convergido em suas análises nas últimas décadas. Os Estudos Culturais no Cone Sul refletiram/refletem acerca da pertinência dessas matrizes de pensamento, bem como sobre a possibilidade de sua convergência dentro de um cenário pós-moderno, cenário este que tende à dissolução/carnavalização das tradições teórico analíticas, privilegiando mais o trabalho de colagem do que o de síntese. Assim, a detenção sobre o tema dos intelectuais, sobretudo na passagem ditadura – pós-ditadura, deveria servir para relembrar a função pública dos intelectuais, e servir também para não perecer diante do catastrofismo da análise de que todo o passado da intelectualidade que se quis engajada fora um erro absoluto. Relembrar para não perecer, e relembrar para deixar perecer certas posturas que de fato podem ter sido equivocadas num momento no qual o desejo de ação acabou por eclipsar a agência e seus sujeitos. Esta defesa organizada por Sarlo parece ser um programa central à rede intelectual que propomos estudar; e a *Revista de Crítica Cultural*, um espaço de intervenção de perfil acadêmico voltado à arena pública com o fim de defender e projetar esse projeto intelectual/político.

Caso o projeto intelectual que deu forma à *Revista de Crítica Cultural* e à *Punto de Vista* consiga prosseguir por outras vias que não as revistas, certamente as concepções benjaminianas que tal grupo porta devem junto a isso encontrar novos canais para ser transpassadas, para serem tomadas em seu possível caráter intempestivo. Se nos é possível aqui a expressão de certo desejo – movimento chave da intervenção (sempre política!) intelectual – devemos dizer, à título de abertura, que é nosso desejo que tais canais sejam encontrados, sabendo que os mesmos podem eventualmente gestar sobre algum período de

silêncio ou pouco alarde, dinâmica que os que vivem numa academia cada vez mais volátil, mercantil e erguida também sobre os escombros de projetos intelectuais emancipacionistas fracassados, podem saber apreciar. Afinal, as formas históricas de luto não são estranhas ao silêncio que labuta e orchestra o sujeito que pode emergir do atravessamento do pós-traumático.

Referências Bibliográficas

AVELAR, Idelber. **Alegorias da Derrota**: a ficção pós ditatorial e o trabalho do luto na América Latina. Belo Horizonte, UFMG, 2003.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras Escolhidas, volume I. São Paulo, Brasiliense, 1994.

CEVASCO, M. E. **Dez Lições sobre Estudos Culturais**. São Paulo, Boitempo Editorial, 2008.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar, Escrever, Esquecer**. São Paulo, Editora 34, 2006.

JAMESON, Frederic. **Espaço e Imagem**: teorias do pós-moderno e outros ensaios. Rio de Janeiro, UFRJ, 2006.

RICHARD, Nelly. (editora). **Debates Críticos en América Latina**: 36 números de la Revista de Crítica Cultural (1990-2008). II volumes. Santiago de Chile, Editorial ARCIS/Editorial Cuarto Propio/ Revista de Crítica Cultural, 2008.

SALAZAR, Gabriel. Historiografia Chilena Siglo XXI: transformación, responsabilidad, proyección. In: MUSSY, Luis (org.). **Balance Historiográfico Chileno**: El orden Del discurso y El giro crítico atual. Santiago de Chile, Ediciones Universidad Finis Terrae, 2007.

SARLO, Beatriz. **Paisagens Imaginárias**: Intelectuais, Arte e Meios de Comunicação. São Paulo, EDUSP, 1997.

_____. **Cenas da Vida Pós-Moderna**: intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina. Rio de Janeiro, UFRJ, 1997.

_____. **Tiempo pasado:** cultura de la memoria y giro subjetivo. Una discusión. Buenos Aires, Siglo XXI, 2007.

SELIGMANN-SILVA, Marcio (org). **História, Memória, Literatura:** o testemunho na era das catástrofes. Campinas, Editora Unicamp, 2003.